



DOI 00.0000/0000-0000.0000n00p00-00

Data de Recebimento: 02/03/2022

Data de Aprovação 03/05/2022

06

Os usos da teoria no passado recente da
pesquisa em comunicação: um estudo de três
revistas acadêmicas (2003-2007)





Os usos da teoria no passado recente da pesquisa em comunicação: um estudo de três revistas acadêmicas (2003-2007)¹

Los usos de la teoría en el pasado reciente de la investigación en comunicación: un estudio de tres revistas académicas (2003-2007)

The uses of theory in the recent past of communication research: a study of three academic journals (2003-2007)

LUIS MAURO SÁ MARTINO²

Resumo: A partir de quais referências se pensava a comunicação no início do século 21? Um delineamento parcial por ser construído a partir da análise dos acionamentos conceituais presentes na produção em periódicos da área. Para tanto, este texto analisa 385 artigos publicados entre 2003 e 2007 nas revistas Logos (UERJ), Comunicação & Informação (UFG) e Famecos (PUC-RS), identificando os principais aspectos teóricos na pesquisa daquele período, momento de transição da Internet baseada em navegadores para redes sociais e dispositivos móveis. A análise das 3.794 referênc-

¹ Uma versão prévia deste texto foi apresentada no GP Teorias da Comunicação no 44º Congresso da Intercom. A autoria agradece as críticas e sugestões recebidas na ocasião. Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa realizado com auxílio do CNPq – Processo 311528/2019-8.

² Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. lmsamartino@gmail.com

cias dos artigos indica que: (1) 85,26% são episódicas, vinculadas a aspectos do objeto empírico nem sempre ligados à Comunicação; (2) as entradas recorrentes, 14,84%, são conceitos sociológicos ou filosóficos voltados para interpretações de contexto; (3) cinco autores predominam: Baudrillard, Bourdieu, Foucault, Maffesoli e Morin. Esses pontos são discutidos contra o pano de fundo da epistemologia da Comunicação.

Palavra-chave: Teoria da Comunicação; Epistemologia; Pesquisa; Revistas Acadêmicas.

Resumen: ¿Desde qué referencias se pensó la comunicación a principios del siglo XXI? Este texto analiza 385 artículos publicados entre 2003 y 2007 en las revistas Logos (UERJ), Comunicação & Informação (UFG) y Famecos (PUC-RS), con el fin de identificar los principales conceptos en la investigación de ese período de transición de Internet basado en navegadores para redes sociales y dispositivos móviles. El análisis de las 3794 referencias indica que: (1) 85,26% son episódicas, vinculadas a aspectos del objeto empírico no siempre vinculados a la Comunicación; (2) las entradas recorrentes son 14,84%, conceptos sociológicos o filosóficos centrados en el contexto; (3) los autores más presentes son Baudrillard, Bourdieu, Foucault, Maffesoli y Morin. Estos puntos se discuten en el contexto de la epistemología de la Comunicación.

Palabras clave: Teoría de la comunicación; Epistemología; Investigación; Periódicos científicos.

Abstract: What were the references to communication research at the beginning of the 21st century? A partial answer might be inferred from the analysis of 385 articles, published between 2003 and 2007 in the journals Logos (UERJ), Comunicação & Informação (UFG), and Famecos (PUC-RS) to identify the main conceptual drives in the research at that moment of transition from the Internet-based in browsers for social networks and mobile devices. The analysis of the 3794 references indicates that: (1) 85.26% are episodic, linked to aspects of the empirical object, but not always to Communication; (2) 14.84% of the entries are sociological or philosophical concepts

focused on context; (3) the most mentioned authors are Baudrillard, Bourdieu, Foucault, Maffesoli, and Morin. These points are discussed against the background of the epistemology of Communication.

Keywords: Communication Theory; Epistemology; Research; Academic Journals.

Introdução

“O conhecimento”, escreve Bachelard (2004, p. 245), “é sempre uma referência a um domínio antecedente, a um corpo de elementos do qual se admite a racionalidade e em relação ao qual se mede a leve aberração dos fatos”. O estudo do que se poderia chamar da “história intelectual” de uma área do saber não deixa de apresentar várias dificuldades, tanto de ordem epistemológica, relacionada ao acionamento de conceitos e teorias, quanto relativos às condições sociais de produção e circulação desses saberes.

Essas dimensões se entrelaçam na trajetória de uma área, tornando-se problemático tratá-las de maneira separada, como se o epistemológico pudesse ser separado do social. Ao mesmo tempo, é igualmente arriscado tratar os dois aspectos em conjunto na medida em que isso implica o risco de subsumir o epistemológico diante do institucional ou vice-versa, como lembra Ferreira (2007).

A esses primeiros questionamentos somam-se outras precauções, ou preocupações, familiares à historiografia, à qual se recorre aqui a título de auxílio interdisciplinar na elaboração de uma perspectiva metodológica: como abordar os documentos de um período? Até que ponto é possível “reconstituir” um pedaço do passado? A partir de quais categorias se pode “ler” esses documentos? Sem ser escrito por uma historiadora ou historiador, este texto se defronta, ainda que de maneira oblíqua, com esses problemas ao relatar um período na história do pensamento em Comunicação.

A abordagem de um recorte da história conceitual de um campo implica pensar também sua atualidade, em um duplo movimento metodológico (BARROS, 2004; KOSELLECK, 2020). De um lado, trata-se de observar, na temporalidade passada, rupturas e continuidades em

relação ao momento presente – por exemplo, a inclusão ou abandono de conceitos e temáticas, a persistência de determinadas abordagens ou teorias que se mantém atuais como operadores epistemológicos. Por outro lado, uma “história dos conceitos” ou “história das teorias” não deixa de ser formulada também a partir de conceitos, o que remete a um problema clássico da historiografia: pode-se, ou deve-se, abordar o passado a partir das categorias interpretativas do presente?

Faria sentido, a título de exemplo, ler um texto de Comunicação escrito no início dos anos 2000 a partir, digamos, de perspectivas decoloniais, de gênero ou identidade? O risco de um anacronismo conceitual parece ser semelhante ao que seria uma tentativa de “pensar como naquela época”. Como recorda Agamben (2016), pensar o contemporâneo demanda um exercício de deslocamento em relação ao tempo presente, mas também em relação ao passado.

É diante dessas preocupações e ressalvas iniciais que se propõe conhecer, aqui, um episódio da trajetória conceitual do pensamento em Comunicação a partir dos artigos publicados em três periódicos da área entre 2003 e 2007. Trata-se de uma exploração do passado recente, situado em um ambiente midiático relativamente próximo, no qual a Internet e os telefones celulares já estavam integrados ao cotidiano – apesar das desigualdades de acesso e distribuição – e as interações sociais se reconfiguravam a partir dessa mediação tecnológica; mas anterior às redes sociais digitais, aplicativos e “smartphones” que caracterizam o cenário contemporâneo.

Foram estudados 385 artigos publicados entre 2003 e 2007 nas revistas Famecos (197), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Logos (88), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e Comunicação e Informação (100), da Universidade Federal de Goiás. A análise se deu a partir da busca pelos operadores epistemológicos mais acionados, manifestando-se sobretudo na presença como referências bibliográficas. Procedeu-se, dessa maneira, a um levantamento das referências na identificação de autores e obras, entendendo a quantidade de citações e sua distribuição no tempo como indício das processualidades epistemológicas a partir das quais se elaborou uma parte do pensamento da área naquele momento.

Parte-se do pressuposto, explorado em outros momentos (MARTINO, 2020; 2021), de que a publicação em periódicos acadêmicos revela-

se como um momento privilegiado de observação das dinâmicas de um campo do saber, permitindo verificar os acionamentos conceituais privilegiados no momento de sua criação: a temporalidade do artigo, em geral, tende a ser menor do que a do livro, abrindo espaço para que as transformações e continuidades do pensamento epistemológico de uma área sejam observadas dentro de um recorte no qual se privilegia, ao menos em parte, um “tempo presente” da pesquisa.

A escolha das publicações se deu a partir de uma dupla preocupação, destacando a representatividade da produção em sua distribuição no tempo de publicação, privilegiando as revistas com data inicial de publicação mais antiga. Buscou-se, também, variedade regional. A opção pelas revistas Logos, Comunicação e Informação e Famecos procurou uma visão um pouco mais abrangente da produção da área naquele momento, mas consciente de suas limitações e da impossibilidade de qualquer generalização de resultados. Vale indicar que estava originalmente planejado, neste texto, a inclusão de uma quarta publicação, deixada de lado por limitações técnicas na obtenção dos dados, ficando sua análise para outro momento. Do mesmo modo, por razões de espaço, não serão feitas análises da distribuição temática dos textos.

O recorte temporal foi definido tanto a partir de questões acadêmicas quanto tecnológicas. Tomou-se o 2003 como data inicial por ser o ano imediatamente anterior ao lançamento da primeira rede social de ampla repercussão, o Orkut, um “site de relacionamentos”, como era chamado, indo até 2007, quando o iPhone, primeiro dos “smartphones”, foi apresentado comercialmente. Há, ao mesmo tempo, um fator também acadêmico: a data inicial coincide com o lançamento de uma coletânea de pesquisas intitulada *Epistemologia da Comunicação*, organizada por Lopes (2003), até então única obra voltada exclusivamente para esse tema, ligada a discussões correntes na área de Comunicação a respeito de suas características teóricas e metodológicas, seguindo-se a outras obras coletivas como Cohn *et alii* (2001) ou Bentz (2002).

Os anos entre 2000 e 2003 parecem ter testemunhado uma espécie de efervescência epistemológica nos estudos de Comunicação. Seria possível assinalar, sem a pretensão de um relato completo, alguns dos eventos que marcam esse momento: em 2001 é criado um grupo de trabalho voltado para esse tipo de discussão, o GT *Epistemologia da Comunicação*, nos encontros da Compós, enquanto o Núcleo de

Pesquisa “Teorias da Comunicação”, da Intercom, seguia em pleno funcionamento; marca-se a publicação da coletânea *Campo da Comunicação* (COHN et alli, 2001) com trabalhos de alguns dos nomes que se destacariam, nos anos seguintes, pelo esforço na constituição de um debate epistemológico. Mencione-se também o Livro Compós 2002, *Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação* (BENTZ et alli, 2002) com reflexões de pesquisadoras e pesquisadores sobre os contornos da área, em plena definição; finalmente, assinale-se a coletânea *Epistemologia da Comunicação* (LOPES, 2003), na qual essas temáticas são abordadas como parte de uma discussão sobre questões básicas da área que se prolongariam nos anos seguintes.

Essa produção refletia-se em quinze revistas acadêmicas de Comunicação publicadas até 2000, número que subiria para vinte e seis, em 2003, e trinta e nove, em 2007. Essas pesquisas eram realizadas em uma quantidade também crescente de programas de pós-graduação em Comunicação – seu número aumenta de 15, em 2001, para 26, em 2007. É também a passagem, discutida em outros momentos (MARTINO, 2020; 2021), de um modelo de atividade universitária centrada no ensino e formação para a produção de pesquisa, com a consequente demanda por uma reorganização parcial das práticas acadêmicas. O marco temporal desta pesquisa, portanto, situa-se em uma época caracterizada, ao menos parcialmente, por uma reelaboração do modelo universitário ancorado em discussões epistemológicas a respeito do que caracteriza, ou poderia caracterizar, a área de Comunicação.

No que se segue, o texto é dividido em três partes: (1) inicialmente, indica-se a diferença entre dois tipos de acionamento teórico nos artigos analisados, destacando-se em seguida os (2) usos episódicos de conceitos e teorias que, incidindo sobre o objeto empírico, nem sempre se relacionam com a Comunicação, e (3) os acionamentos recorrentes de conceitos que se referem, sobretudo, a proposições teóricas de longo alcance, em geral dentro de uma matriz filosófica ou sociológica.

Os usos dos conceitos: entre o episódico e o recorrente

As três revistas analisadas, Famecos, Logos e Comunicação & Informação, trazem algumas das marcas das discussões teóricas e

epistemológicas de seu momento de publicação, tais como desenvolvidas nos livros indicados. No entanto, essas preocupações em relação ao significado da área, seja em aspectos institucionais ou nas questões teórico-metodológicas de pesquisa, raramente são endereçadas de maneira direta nas pesquisas, articulando-se com os objetos empíricos.

A “parte teórica”, nesse sentido, se apresenta como reveladora não só dos conceitos em circulação, mas também de seus modos de apropriação e articulação em relação aos objetos empíricos presentes nos textos. O trabalho de discussão conceitual aparece como parte integrante das práticas de pesquisa no sentido de uma orientação do olhar de pesquisadoras e pesquisadores em relação aos objetos, no sentido de contextualização.

Isso não significa ausência de uma produção “teórica”: ao contrário, artigos de elaboração teórica estão bastante presentes nas três publicações, com destaque para a revista Famecos. Mas, para além disso, a teoria é acionada sobretudo como referencial para situar os problemas empíricos dentro de uma perspectiva interpretativa na abordagem dos objetos empíricos. Os artigos se estruturam sobretudo ao redor de objetos vinculados à mídia, seja na discussão de suas características tecnológicas, seja como suporte para interações e práticas sociais.

A tabela 1 pode auxiliar na observação dos argumentos desenvolvidos a seguir. O número ao lado do nome de cada autora ou autor refere-se à quantidade de entradas anuais recebidas. Note-se que o número de entradas é um indício da presença, recorrente ou episódica, de uma autora ou autor, e não necessariamente significa endosso ou desenvolvimento de suas posições, nem um tratamento em profundidade. Mas representa, e este é o ponto de aproximação com o recorte aqui proposto, um acionamento de ordem conceitual situado no tempo de uma produção acadêmica – um lugar a partir do qual se podem pensar os problemas da Comunicação.

Tabela 1 - Autoras e autores com mais entradas nas publicações

	2003	2004	2005	2006	2007
Logos	G. Deleuze 4	M. Foucault 8 M. Merleau-Ponty 6 I. Tucherman 4	N. Lorde 12 J. Martin-Barbero D. Cogo 6 S. Hall 5 U. Beck 4 M. Maffesoli 4	M. Foucault 6 I. Tucherman 4	M. Foucault 4 L. Mucchieli 4
Comunicação e Informação	J. Gonzalez 4 G. Seyferth 4	G. Orozco 23 M. Morgan 4 D. Morley 4 J. Martin-Barbero 6	S. Freud 6 J. Martin-Barbero 7 N. G. Canclini 4 J. Habermas 4	R. Barthes 7 P. Bourdieu 6 S. Hall 4 E. Bucci 4	J. M. de Melo 7 S. Freud 4 P. Bourdieu 4
Famecos	M. Maffesoli 22 J. Baudrillard 19 E. Morin 15 M. McLuhan 12 P. Lévy 11 G. Debord 8 M. Castells 7 G. Deleuze 7 P. Virilio 7 M. Bakhtin 5 P. Bourdieu 5 A. Lemos 5 A. Comte-Sponville 4 B. Espinosa 4	M. Maffesoli 46 J. Baudrillard 16 P. Virilio 10 R. Barthes 8 N. Jacks 8 P. Lévy 7 C. Marcondes Filho 7 G. Orozco 7 E. Trivinho 7 P. Vaz 7 P. Bourdieu 6 G. Deleuze 6 G. Durand 6 M. I. V. Lopes 6 M. McLuhan 6 A. C. Escosteguy 5 M. Foucault 5 E. Morin 5 Z. Bauman 4 P. Guareschi 4 J. Habermas 4 M. Heidegger 4	P. Virilio 24 M. Foucault 17 M. Maffesoli 14 R. Barthes 10 G. Deleuze 10 E. Trivinho 9 Z. Bauman 7 P. Lévy 7 S. P. Sá 7 P. Bourdieu 6 M. Castells 6 G. Castro 5 W. Iser 5 C. Marcondes Filho 5 M. Traquina 5 J. Baudrillard 4 P. Breton 4 M. S. Contrera 4 G. Duran 4 M. C. F. Ferraz 4 H. Gumbrecht 4 S. Hall 4 D. Kellner 4 A. Matterlart 4 E. Morin 4 G. Seyferth 4 M. Sodré 4 M. Weber 4	P. Bourdieu 15 J. Baudrillard 14 M. Foucault 14 M. Maffesoli 14 G. Durand 10 E. Trivinho 9 G. Debord 8 P. Virilio 8 G. Deleuze 6 E. Morin 6 G. Bataille 5 M. Castells 5 F. Dubet 5 U. Eco 5 J. Habermas 5 H. Maturana 5 P. Baudry 4 Z. Bauman 4 L. Bronner 4 R. Callois 4 É. Durkheim 4 N. Luhman 4 J.-F. Lyotard 4 C. Sorrentino 4 J. B. Thompson 4	J. Baudrillard 16 M. Maffesoli 12 D. Schnitman 8 E. Morin 7 R. Barthes 6 G. Durand 6 A. Giddens 5 R. Recuero 5 Z. Bauman 4 A. Fausto Neto 4 J. M. Melo 4 E. Vizer 4

Fonte: Elaborado pelo autor

As entradas bibliográficas se caracterizam por trazerem obras e conceitos predominantemente de duas áreas próximas: de um lado, uma predominância de textos voltados para uma abordagem sociológica dos processos comunicacionais acionados a partir da mídia, de outro lado, na perspectiva de compreensão dos discursos sociais presentes na mídia.

Os indícios da tabela também permitem observar uma maior continuidade nas abordagens teóricas apresentadas na revista Famecos, em contraste com a diversidade presente nas outras duas publicações. Trata-se, nos três casos, de um número relativamente limitado de autoras e autores que se distribui ao longo do tempo, mostrando uma predominância de pesquisas realizadas, sobretudo, fora da área de Comunicação. Não por coincidência, os cinco autores mais citados, no conjunto, vêm da Filosofia e da Sociologia: Baudrillard, Bourdieu, Foucault, Maffesoli e Morin transitam, em termos de formação e atuação, entre essas duas áreas.

Há, dessa maneira, um pensamento fortemente ancorado para além das fronteiras específicas do que seria a Comunicação no sentido de abordar um fenômeno que é definido, sobretudo, a partir das interações vinculadas aos meios. É questionável, perguntando com L. C. Martino (2007) ou Signates (2013), em que medida se poderia efetivamente falar de estudos de “Comunicação”, sem maiores qualificações, ou de uma Sociologia da Comunicação (ou da Mídia), ampliada para uma Filosofia da Comunicação.

Seria possível entender isso como uma perspectiva caracterizada pela transversalidade interdisciplinar? O exame das entradas presentes nos textos sugere uma resposta negativa: não parece existir, de fato, uma perspectiva de trânsito ou tensionamento conceitual, mas uma justaposição de abordagens que, colocadas lado a lado, não parecem dialogar entre si.

Isso pode auxiliar a compreender porque, dentro de um universo de 3.974 entradas presentes nos textos, 3.235, ou 85,26%, aparecem uma única vez: tratam-se de teorias de curto alcance, segundo a divisão de Merton (1973) retomada por Braga (2020), utilizadas de maneira episódica para sublinhar determinados aspectos do objeto, sem maior desenvolvimento conceitual, ao passo que as demais, 14,84%, concentram um maior número de citações que indica um trabalho teórico mais desenvolvido. Nota-se, dessa maneira, um predomínio de um grupo relativamente pequeno de conceitos – “complexidade”, “campo”, “cibercultura”, “imaginário”, “poder”, “liquidez”, “mediações” – em circulação recorrente ao longo do período analisado.

Seria possível, nesse sentido, distinguir dois níveis de “teoria” ou, como talvez fosse mais pertinente indicar, de açãoamentos teóricos nos artigos analisados.

O primeiro diz respeito justamente a essa dispersão, provocada, ao que tudo indica, pela apropriação episódica de um repertório teórico vinculado às matrizes específicas dos objetos empíricos: a título de exemplo, propositalmente genérico no sentido de não identificar este ou aquele trabalho como paradigmático, um estudo sobre a representação de um determinado grupo social na mídia se orientaria, ao menos parcialmente, para um referencial sociológico sobre o grupo, eventualmente aprofundando-se no conceito de “grupo” dentro da Sociologia ou da Psicologia Social; uma pesquisa sobre a representação da violência no telejornalismo se ancoraria em referenciais sociológicos sobre “violência” e assim por diante.

Vale, nesse sentido, observar cada um desses açãoamentos.

Os açãoamentos episódicos: contextualizando o objeto

Essas abordagens se caracterizam por açãoamentos teóricos bastante diversos, manifestando um ponto identificado em outros momentos por L. C. Martino (2007), L. M. Martino (2018a) ou Braga (2011): a extensa dispersão teórica na pesquisa em Comunicação. Nota-se, na análise das bibliografias, a presença majoritária de autoras e autores “de fora” da área – embora seja complicado, e, de certa maneira, limitante, indicar o que seria um autor ou autora “de dentro” ou “de fora”. Ao mesmo tempo, essa caracterização não é de todo ociosa na medida em que, nos processos avaliativos de projetos de pesquisa, artigos, teses e dissertações, um critério relativamente comum é a ideia de “pertinência”, “aderência” ou “vinculação” à área, o que pressupõe algum tipo de acordo ou perspectiva anterior referente ao que pode, ou não, ser considerado “comunicação” – problema indicado, por exemplo, já em Lopes (1999), Santaella (2001), L. C. Martino (2006; 2007) ou L. M. Martino (2018a; 2018b), entre outros.

É Braga (2011) quem assinala uma diferenciação entre a “diversidade” teórica, bem-vinda enquanto aspecto constitutivo e tensional das discussões referentes às características de uma área, e a “dispersão”

conceptual, na qual não existe propriamente um movimento de tensionamento entre conceitos e abordagens, mas, no máximo, a presença conjunta dentro de um espaço acadêmico do qual não compartilham muito mais do que alguns aspectos de referência.

Quando se leva em consideração a bibliografia sobre Teoria da Comunicação disponível naquele momento, como os trabalhos autorais de Rüdiger (1997), Gomes (1998), Mattelart e Mattelart (1999) e Politschuk e Trinta (2004) ou, sobretudo, a coletânea organizada por França, Hohfeldt e Martino (2001), nota-se uma definição das linhas gerais de um pensamento teórico sobre Comunicação que, de fato, não parece se fazer efetivamente presente nos artigos analisados, dando lugar, como indicado, ao uso episódico de teorias e conceitos de outras áreas. Se não cabe aqui discutir os pormenores da apropriação das teorias da comunicação pelas pesquisas da área, é talvez importante assinalar a ausência de um diálogo mais articulado entre os conjuntos de teorias indicadas como “da Comunicação” na literatura sobre o assunto e sua efetivação enquanto referencial teórico das pesquisas desenvolvidas.

Isso parece remeter a outra questão, assinalada por França e Prado (2013), presente no momento analisado: o baixo número de referências aos artigos escritos por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros. De fato, raramente existem citações dos artigos publicados, mesmo no próprio periódico – talvez, já naquele momento, o volume de textos publicados a cada ano já tornasse difícil um acompanhamento mais próximo da produção.

Vale argumentar que o principal montante da produção acadêmica dentro das Ciências Humanas circula na forma de livro, não necessariamente de artigos; sem dúvida válida, essa argumentação pode ser vista nas remissões episódicas a publicações de autoras e autores brasileiros; no entanto, quantitativamente, esse número é baixo, e sua distribuição ao longo dos cinco anos analisados é desigual, restringindo-se, geralmente, a um único ano.

O exame dos artigos publicados nas três revistas ao longo de cinco anos sugere um cenário de ampla dispersão teórica e conceptual, com uma vasta gama de ideias acionadas para lidar com objetos específicos, mas que, a rigor, não chegam propriamente a entrar em um diálogo mais amplo com quaisquer outras ideias. Dessa maneira, observa-se uma certa demanda pela caracterização do objeto a partir de referenciais externos

à pesquisa em Comunicação. Isso se reflete no baixo número de pesquisadoras e pesquisadores da área citados nos artigos, e, de certa maneira, pode auxiliar na compreensão da dispersão encontrada nos artigos.

Com o cuidado necessário diante da indicação numérica, no sentido de ter em mente os limites do quantitativo, é possível observar que essa dispersão se manifesta na quantidade de obras mencionadas apenas uma vez ao longo dos artigos – como indicado, 3.235 (85,26%) de um total de 3.794 entradas. Mas em que se constitui a coincidência de 14,74%?

Isso leva ao próximo ponto.

Os açãoamentos recorrentes

O desenvolvimento de proposições teóricas de larga escala ocupa, em geral, um lugar recorrente nos textos, apresentando-se como o elemento a partir do qual é construída a perspectiva hermenêutica das pesquisas. Se, na abordagem dos objetos, opta-se por uma bibliografia específica a seu respeito, no momento da interpretação em uma dimensão mais ampla a opção é por quadros teóricos que fornecem perspectivas de longo alcance para o estudo da sociedade.

Trata-se, nesse sentido, de observar a presença da “grande teoria”, ou teorias de longo alcance, que se apresentam como conjuntos de proposições vinculadas à construção de uma heurística capaz de provocar inferências a partir do objeto previamente caracterizado por seus conceitos específicos. Se o índice de autores citados mais de uma vez é consideravelmente pequeno, seu alcance é considerável na medida em que se constituem como o ponto de vista macro para a interpretação dos fenômenos sociais e interacionais vinculados à mídia. Essas teorias de longo alcance não costumam, nos textos, ser colocadas em diálogo umas com as outras, mas constituem-se como eixos interpretativos a partir dos quais são feitas as leituras dos materiais empíricos.

Note-se, com o risco de um anacronismo, que o desenvolvimento de proposições teóricas se apresenta como uma perspectiva marcadamente vinculada a autores estrangeiros, em particular franceses: Jean Baudrillard, Michel Foucault, Edgar Morin, Gilles Deleuze, Michel Maffesoli e Pierre Bourdieu constituem os principais autores mencionados ao longo dos trabalhos, com Paul Virilio, Roland Barthes e Zygmunt

Bauman em uma segunda posição relativamente próxima. A tabela 2 sistematiza isso: .

Tabela 2 - Distribuição anual dos autores citados ao longo do período

2003	2004	2005	2006	2007
M. Maffesoli 22	M. Maffesoli 46	M. Foucault 17	P. Bourdieu 21	J. Baudrillard 16
J. Baudrillard 19	J. Baudrillard 16	M. Maffesoli 14	M. Foucault 20	M. Maffesoli 12
E. Morin 15	M. Foucault 13	P. Bourdieu 6	J. Baudrillard 14	E. Morin 7
P. Bourdieu 5	P. Bourdieu 6	J. Baudrillard 4	M. Maffesoli 14	M. Foucault 4
M. Foucault 3	E. Morin 5	E. Morin 4	E. Morin 6	P. Bourdieu 4

Fonte: Elaborado pelo autor

Evidentemente, não é o objetivo aqui fazer nenhum tipo de “ranking” das citações, mas observar a constituição de um pensamento interpretativo da área marcado pela presença de autores – não há autoras citadas – estrangeiros a partir dos quais podem ser elaboradas as perspectivas hermenêuticas que informam a respeito dos devidos objetos empíricos.

Além desse panorama constituído por autores europeus, nota-se a presença relevante de Jesus Martin-Barbero, Guillermo Orozco Gomez e Nestor Garcia Canclini como representantes de um pensamento latino-americano voltado para a Comunicação.

A recorrência desse grupo de autores ao longo das revistas, bem como dos cinco anos examinados, sugere que sua presença está longe de ser fortuita ou episódica, constituindo-se, antes, como parte da formação de um pensamento teórico na área. Seria levar longe demais uma perspectiva historiográfica para falar de uma “mentalidade” nos estudos de Comunicação, tomando como base esses acionamentos epistemológicos? Se é possível pensar, com Koselleck (2020), que a história dos conceitos utilizados para a interpretação da realidade não deixa de ter uma estreita relação com as perspectivas de conhecimento da qual se originam, não seria de todo errado identificar, mais do que um “pensamento comunicacional”, no sentido proposto por Miége (1998), uma “mentalidade comunicacional” na definição das teorias utilizadas.

Nesse aspecto, vale recordar um curioso efeito de articulação teórica vinculada: poucas “teorias da comunicação” parecem ser, de fato, acionadas ao longo dos textos. Nota-se marcadamente a presença de

Theodor W. Adorno, sozinho ou em parceria com Max Horkheimer, bem como Walter Benjamin e Jürgen Habermas, associados à chamada “Escola de Frankfurt”; também nesse âmbito, nota-se a recorrência às obras de Marshall McLuhan e, em menor medida, a Stuart Hall. Essas três teorias da comunicação, tal como entendidas em trabalhos posteriores, são as únicas a figurar no quadro das referências mais citadas.

A distribuição das entradas de citações por ano também se apresenta como indício dessa desigualdade entre os acionamentos episódicos e as articulações recorrentes de conceitos na pesquisa em comunicação: apenas Edgar Morin, Jean Baudrillard, Michel Foucault, Michel Maffesoli e Pierre Bourdieu são citados ao longo dos cinco anos analisados. Pode-se inferir, a partir dessa presença, a dimensão do lugar ocupado por esses autores naquele momento – se não pelas articulações teóricas específicas, ao menos pela recorrência de seus textos nas publicações.

Considerações Finais

Na vida do espírito há momentos que deixam marcas indeléveis, elementos que nada parece retificar: são os conceitos. Certos conceitos que se revelam nitidamente inadequados podem desaparecer de todo, mas não conseguem dobrar-se para expressar uma experiência que já não os sustenta (BACHELARD, 2004, p. 23).

A argumentação de Bachelard orienta a pensar em que medida uma história dos conceitos, sua incorporação, retificações e abandonos ao longo da trajetória de uma área do saber permite também reconstruir a dinâmica do conhecimento a respeito de determinados fenômenos da realidade – no caso, os fenômenos comunicacionais. Os conceitos acionados nos artigos analisados sugerem, nos cinco anos compreendidos entre 2003 e 2007, uma marcada presença de conceitos voltados para a compreensão de um imaginário que se transformava em ritmo acelerado a partir da progressiva incorporação da Internet e das mídias digitais no cotidiano.

Nos anos seguintes, o trânsito de alguns desses conceitos-chave, como “imaginário”, “complexidade” e, sobretudo, “cibercultura”, seria ainda bastante frutífero no sentido de informar novas pesquisas despertadas pelo cenário midiático que iria advir, marcado pelos “smartphones”, aplicativos e redes sociais. Nota-se, na análise dos conceitos, uma tentativa de compreender

a mídia para além do tecnológico, mas em seus entrelaçamentos com o social e, principalmente, com formas específicas de interação.

O exame das 3.974 entradas presentes nos 385 artigos analisados indica o predomínio de um grupo relativamente pequeno de conceitos e autores, constituindo-se como núcleo a partir do qual se pensa, em termos macros, os fenômenos comunicacionais vinculados a aspectos mais amplos da sociedade, secundado por um amplo quadro de referências teóricas voltadas para a compreensão do objeto empírico em suas características específicas.

A observação leva a propor a verificação de dois tipos principais de acionamentos teóricos: um de caráter episódico, caracterizado pela ampla dispersão de referenciais vinculados a aspectos do objeto empírico, outro de caráter recorrente, identificado pelo acionamento de um número reduzido de conceitos de longo alcance articulados com perspectivas hermenêuticas de maior fôlego – a “grande teoria”, enquanto quadro amplo de proposições, associadas geralmente a autores estrangeiros.

Nesse aspecto, com o risco de um anacronismo na análise, nota-se o predomínio de autores europeus, com poucas menções – mesmo no conjunto geral das entradas – a autoras e autores de outros espaços geográficos, exceção feita a Martin-Barbero, Orozco e Canclini. O diálogo interdisciplinar parece acontecer, se é possível falar dessa maneira, a partir da justaposição entre perspectivas teóricas diversas, mas sem que exista necessariamente uma articulação ou diálogo entre os conceitos. Apesar das discussões epistemológicas realizadas no mesmo período, problematizações desse tipo estão praticamente ausentes das publicações.

A análise das três publicações, no período analisado, sugere não só o predomínio de cinco conceitos principais, como indicado acima, mas também uma preocupação da pesquisa em Comunicação, naquele momento, de dar conta de um objeto empírico ainda relativamente novo – a Internet e as mídias digitais – que apontavam para reformulações nos modos de interação social e, em escala mais ampla, em toda a sociedade.

Um trabalho de busca epistemológica a partir da história dos usos dos conceitos em uma área não tem por finalidade generalizar e, menos ainda, definir quais seriam os “usos corretos”, mas, antes, questionar de que maneira determinadas proposições teóricas e conceituais são acionadas e colocadas em circulação – para olhar o passado com vistas ao presente

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** Chapecó: Argos, 2016.
- BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BARROS, José D'A. **O campo da história.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRAGA, José L. Dispositivos Interacionais. XX COMPÓS. Porto Alegre: **Anais...** UFRGS, 14 a 17 de junho de 2011.
- DUARTE, Elizabeth. Por uma epistemologia da comunicação. In. LOPES, M. I. V. **Epistemologia da Comunicação.** São Paulo, Loyola, 2003.
- FERREIRA, J. Questões e linhagens na construção do campo epistemológico da Comunicação. In: _____. (Org.). **Cenários, teorias e metodologias da Comunicação.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- FRANÇA, Vera R. V.; PRADO, José L. A. Comunicação como campo de cruzamentos, entre as estatísticas e o universal vazio. **Questões transversais**, Vol. 1, no. 2, Julho-Dezembro 2013, pp. 76-82.
- GOMES, Pedro G. **Tópicos de teoria da comunicação.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1998.
- HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera. **Teorias da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2001
- KOSELLECK, Reinhardt. **História de Conceitos.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- LOPES, Maria I. V. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.
- MARTINO, Luís M. S. A materialidade nos usos da teoria: esboço de uma cartografia das revistas científicas de Comunicação. 43º INTERCOM. **Anais...** Salvador: UFBA, 1 a 10 de dezembro de 2020.
- MARTINO, Luis M. S. Genealogia dos Conceitos na Teoria da Comunicação: esboço de um panorama. **Revista Alaic**, v. 15, no. 1, p. 24-35, 2018a.
- MARTINO, Luís M. S. **Métodos de Pesquisa em Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2018.
- MARTINO, Luis M. S. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da comunicação no Brasil. **Folios**, vol. 28, p. 159-175, 2012.
- MARTINO, Luís M. S. Publicar ou perecer? Três dimensões da publicação em periódicos acadêmicos na pesquisa em Comunicação. XXX COMPÓS. São Paulo: **Anais...** PUC-SP, 27 a 30 de julho de 2021.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das Teorias da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.
- MERTON, Robert K. **Sociologia:** teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- OLIVEIRA, Thaiane *et alii*. Editorial: E se os editores de revistas científicas parassem? A precarização do trabalho acadêmico para além da pandemia. **Contracampo**, Vol. 9, no. 2, pp. 2-14.
- POLITSCHUK, I.; TRINTA, Aloísio. **Teorias da Comunicação.** Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação.** São Paulo: Edicon, 1998.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa.** São Paulo, Hacker, 2001.

SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade. In: BRAGA, J. L. et alii (org.) **10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

TAYLOR, James. **The scientific community**. Oxford: Oxford University Press, 1973.

WEBER, Maria H.; BENTZ, I.; HOHFELDT, Antonio. **Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002. .

Data do recebimento: 02/03/2022

Data da aprovação: 03/05/2022



